





pequeno inventário para uma mesa

Vítor Magalhães
FAH – Universidade da Madeira

DOI: 10.34640/universidademadeira2024magalhaes



PEQUENO INVENTÁRIO PARA UMA MESA

Resumo: “pequeno inventário para uma mesa” não é muito mais do que o título anuncia. Ou melhor, é, literalmente, uma tarefa reflexiva fundamentada no aspecto da tradução da realidade de um objecto (neste caso, a mesa) que, como outros objectos na história do Homem, revela, e também circunscreve, o sentido ambíguo da presença-ausência do Homem na sua própria (pequena) história.

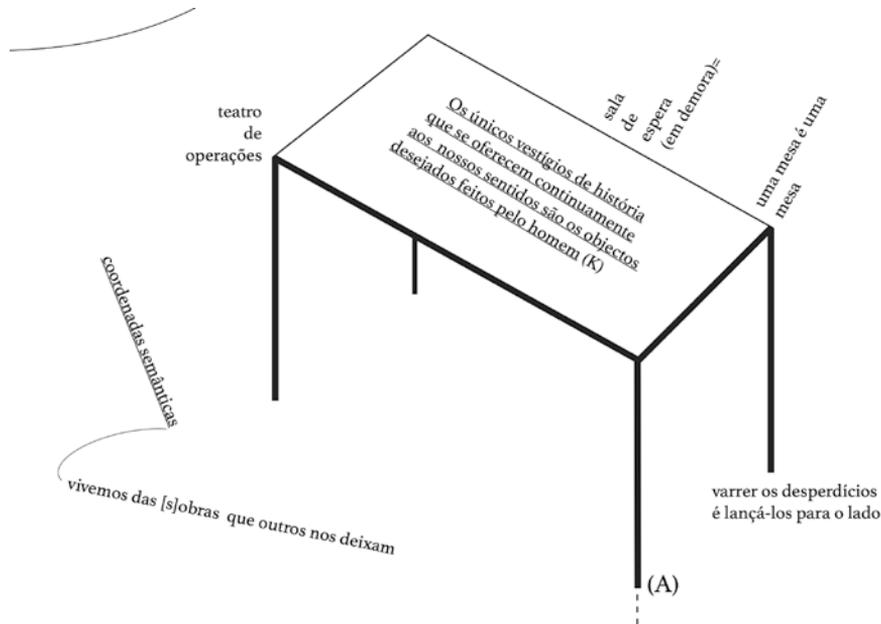
Trata-se, por outro lado, de traduzir (no sentido de movimentar por meio da linguagem) concepções, propósitos, intenções, num campo de forças mediador: o campo artístico. Logo, a mesa é tanto objecto como nome, conceito, ideia, ligação que interrompe, que traduz não traduzindo inteiramente as potências da linguagem: texto, imagem (nas suas múltiplas dimensões), sonoridade. Mas, mais essencial do que isso, é no fracasso da tradução que se abriga mais fundamento, enquanto reflexo de um processo de trabalho. Neste caso concreto, trata-se de um processo artístico que [não] termina num projecto expositivo e editorial, e que no presente ensaio visual expande a sua acção ao domínio especulativo do inventário conceptual.

Dito de outra forma, à guisa de síntese, a mesa é aqui concebida, fundamentalmente, como um

objecto diagramático: estipula ilações, encontros, desencontros, estranhezas, dispersões, aberturas, interrupções, deliberações, movimentos, acuações, consolidações, deambulações, ficções. É tudo isto e muito mais (ou talvez não tanto).

O presente inventário dá seguimento ao recente projecto intitulado *índice de matérias [sobre objectos e outras fantasmagorias]*, apresentado no MUDAS. Museu de Arte Contemporânea da Madeira, entre Dezembro de 2022 e Março de 2023.

Nota final: as imagens apresentam-se, de modo intencional, num nível visual mais próximo da palavra escrita, embargando a habitual primazia da imagem. Um dos aspectos relevantes da chamada Cultura Visual é precisamente o de debater a validade quase inquestionável da imagem frente à linguagem verbal. Nem as imagens mostradas nesta colheita em forma de ensaio traduzem o processo criativo, e muito menos a sua efectivação em diferentes projectos, nem, por outro lado, pretendem ilustrar as passagens citadas e comentadas (sendo os comentários meros apontamentos). Traduzem, isso sim, correlações inesperadas que amplificam sentidos e matérias.



Summary: “A Small Inventory for a Table” is not much more than the title suggests. Or rather, it is literally a reflective task based on the translation of the reality of an object (in this case, the table), which, like other objects in the history of mankind, reveals and also circumscribes the ambiguous sense of the presence-absence of man in his own (small) history.

It is, on the other hand, about translating (in the sense of moving through language) conceptions, purposes, intentions in a mediating field of forces: the artistic field. Thus, the table is both an object and a name, a concept, an idea, a connection that interrupts, translating not entirely the powers of language: text, image (in its multiple dimensions), sonority. But, more essential than that, it is in the failure of translation that more foundation is sheltered, as a reflection of a work process. In this specific case, it is an artistic process that [does not] end in an exhibition and editorial project and, in this visual essay, expands its action to the speculative domain of conceptual inventory.

In other words, by way of synthesis, the table is conceived here, fundamentally, as a diagrammatic object: it stipulates inferences, encounters, dis-

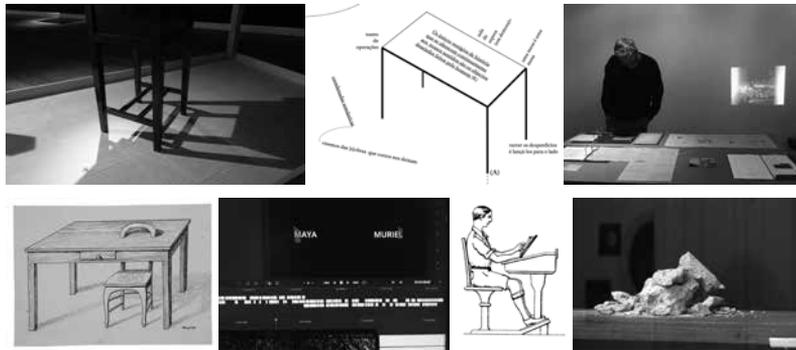
connections, strangeness, dispersals, openings, interruptions, deliberations, movements, accusations, consolidations, wanderings, fictions. It is all this and much more (or perhaps not so much).

This inventory follows the recent project titled index of matters [on objects and other phantasms], presented at the MUDAS. Museum of Contemporary Art of Madeira, between December 2022 and March 2023.

Final note: The images intentionally present themselves at a visual level closer to written words, challenging the usual primacy of the image. One of the relevant aspects of Visual Culture is precisely debating the almost unquestionable validity of the image compared to verbal language. Neither the images shown in this essay harvest translate the creative process nor its realization in different projects, nor do they intend to illustrate the passages quoted and commented (the comments being mere notes). Instead, they translate unexpected correlations that amplify meanings and materials.



PEQUENO INVENTÁRIO PARA UMA MESA



12. Esta ideia que me agrada das palavras que se podem desenhar, que remete logo para a arquitectura, ou seja, entre a palavra “mesa” e a palavra “efectivamente”, não há comparação possível. Posso desenhar a palavra “mesa”, mas não posso desenhar a palavra “efectivamente”. As palavras que eu não posso desenhar não me agradam tanto.

11. Tal como a forma visível de uma mesa [table] dá dela o uso e a disponibilidade enquanto móvel, seja para comer, seja para escrever ou para subir para cima dela, também a «ideia» de «tábua» (tabula rasa, tábua de multiplicação, tablatura) transporta consigo o sentido de uma disponibilidade geral para... a própria disponibilidade ou, por outras palavras, a forma de uma superfície onde as coisas são arranjadas, a colocação em evidência e em presença (sentar-se à mesa, pôr na mesa, a mesa de negociações, o Altar [la Sainte Table]). Esta forma dá sentido ou verdade à «mesa». Deve-se então compreender que «sentido» ou verdade» (aqui usados como equivalentes) estão longe de simplesmente constituírem a «inteligibilidade» de um sensível. Ao mesmo tempo, esta inteligibilidade limita-se a ser uma captação mais exigente, mais intensa, da própria propriedade sensível. Ou podemos ainda dizer, distinguindo estes dois vocábulos, que a verdade é o ponto ou o momento de interrupção do movimento e do aflorar do sentido. Interrompido, suspenso, o sentido do des/ígnio/enho [dess(e)in] revela simultaneamente o seu traçado [tracé] (o seu teor, a sua constância) e a verdade, que não é a sua completude mas, pelo contrário, a sua própria interrupção.

10. It is not a question of hanging beautiful things on the wall. It's about the working process, which is, sometimes very often, a work on the table. I play



with the words in French *tableau* and *table*. When you have three different objects on the table, if you put 1, 2, 3 or 1, 3, 2 it has a different significance.

9. I have settled down to the task of writing these lectures and have drawn up my chairs to my two tables. Two tables! Yes; there are duplicates of every object about me — two tables, two chairs, two pens. This is not a very profound beginning to a course which ought to reach transcendent levels of scientific philosophy. But we cannot touch bedrock immediately; we must scratch a bit at the surface of things first. And whenever I begin to scratch the first thing I strike is — my two tables.

8. The real is something that cannot be known, only loved. This does not mean that access to the table is impossible, only that it must be indirect. Just as erotic speech works when composed of hint, allusion, and innuendo rather than of declarative statements and clearly articulated propositions, and just as jokes or magic tricks are easily ruined when each of their steps is explained, thinking is not thinking unless it realizes that its approach to objects can only be oblique. We cannot be downward scientific reducers, nor can we be upward humanistic reducers. We can only be hunters of objects, and must even be non-lethal hunters, since objects can never be caught. The world is filled primarily not with electrons or human praxis, but with ghostly objects withdrawing from all human and inhuman access, accessible only by allusion and seducing us by means of allure. Whatever we capture, whatever table we sit at or destroy, is not the real table.

7. “Sempre a mesma mesa”, disse o homem, “as mesmas cadeiras, a mesma cama, o mesmo quadro. À mesa chamo mesa, ao quadro chamo quadro, a cama chama-se cama, a cadeira chama-se cadeira. Mas afinal porquê?” Os franceses chamam à cama ‘li’, chamam à mesa ‘table’, chamam ao quadro ‘tablo’ e à cadeira ‘schäs’, e entendem-se. E os chineses também se entendem.

6. A civilização consiste em dar a qualquer coisa um nome que lhe não compete, e depois sonhar sobre o resultado. E realmente o nome falso e o sonho verdadeiro criam uma nova realidade. O objecto torna-se realmente outro, porque o tornámos outro. Manufacturamos realidades. A matéria-prima continua sendo a mesma, mas a forma, que a arte lhe deu, afasta-a efectivamente de continuar a ser a mesma. Uma mesa de pinho é pinho mas também é mesa. Sentamo-nos à mesa e não ao pinho. Um amor é um instinto sexual, porém não amamos com o instinto sexual, mas com a pressuposição de outro sentimento. E essa pressuposição é, com efeito, já outro sentimento.

5. Uma mercadoria aparenta ser, à primeira vista, uma coisa óbvia, trivial. Sua análise resulta em que ela é uma coisa muito intrincada, plena de sutilezas metafísicas e melindres teológicos. Quando é valor de uso, nela não há nada de misterioso, quer eu a considere do ponto de vista de que satisfaz neces-



PEQUENO INVENTÁRIO PARA UMA MESA

sidades humanas por meio de suas propriedades, quer do ponto de vista de que ela só recebe essas propriedades como produto do trabalho humano. É evidente que o homem, por meio de sua atividade, altera as formas das matérias naturais de um modo que lhe é útil. Por exemplo, a forma da madeira é alterada quando dela se faz uma mesa. No entanto, a mesa continua sendo madeira, uma coisa sensível e banal. Mas tão logo aparece como mercadoria, ela se transforma numa coisa sensível-suprassensível. Ela não só se mantém com os pés no chão, mas põe-se de cabeça para baixo diante de todas as outras mercadorias, e em sua cabeça de madeira nascem minhocas que nos assombram muito mais do que se ela começasse a dançar por vontade própria.

4. O espírito não é vermelho, amarelo, etc., não é ácido, alcalino, etc.; a rosa não é um elefante; o intelecto não é uma mesa, e outros pelo estilo.

3. [...] as palavras da linguagem designam objectos.

[...] Santo Agostinho não fala de uma distinção a introduzir entre as diferentes espécies de palavras. Quem descreve a aprendizagem da linguagem desta maneira pensa, julgo eu, em primeira análise, em substantivos como «mesa», «cadeira», «pão» e em nomes de pessoas, e só em segundo plano em nomes de certas actividades e propriedades; e, quanto às restantes espécies de palavras, alguma coisa se há-de encontrar.

2. O que se retira, numa palavra, é a célebre «*mesa (table) operatória*», essa *table* [no seu duplo sentido de *mesa* e *tábua*], palavra que, para restituir a Rousset um pouco do que lhe é sempre devido, emprego em dois sentidos sobrepostos: *mesa* niquelada, de caucho, envolta em brancura, faiscante, sob o sol de vidro que devora as sombras — lá pode onde, por um instante, talvez para sempre, o guarda-chuva encontra a máquina de coser; e quadro que permite ao pensamento operar sobre os seres uma ordenação, uma divisão em classes, um agrupamento nominal por que são designadas as suas similitudes e diferenças — lá onde, desde o fundo dos tempos, a linguagem se entrecruza com o espaço.

1. Como o encontro fortuito numa mesa de dissecação entre uma máquina de costura e um guarda-chuva!



1. Porque não começar com *Os Cantos de Maldoror*, de Conde de Lautréamont, e que os surrealistas, e seus paladinos, transformaram em espécie de bandeira programática? Os encontros são sempre estranhos. E a mesa é um lugar de encontros e de vazios.

2. Michel Foucault refere este célebre episódio dos *Cantos de Maldoror* no prólogo d'*As Palavras e as Coisas*. A ideia de lista afigura-se enquanto estrutura universal da linguagem, partindo do breve ensaio de Jorge Luis Borges intitulado "O idioma analítico de John Wilkins" (*Otras Inquisiciones*, 1952), o que se revela é o absurdo da ordem (natural) das coisas.

3. Ludwig Wittgenstein inicia as suas *Investigações Filosóficas* com uma alusão a Santo Agostinho e a sempre tensa, inquietante, relação entre linguagem e nomeação.

4. No livro *A Ciência da Lógica*, o influente filósofo alemão G. W. F. Hegel alude à mesa entre um conjunto de elementos que não devem ser, pelo simples princípio da lógica, relacionados ou equiparados.

5. Por outro lado, Karl Marx serve-se do objecto-mesa para introduzir, teoricamente, o carácter fetichista da mercadoria, numa alusão buliçosa e, por isso mesmo, astutamente ilusória, da mesa.

6. Não muito depois, cronologicamente falando, mas num contexto muito diferente (ou talvez nem tanto...), Fernando Pessoa justapõe a mesa, enquanto objecto poético, com a matéria que lhe é originária: a madeira e a



PEQUENO INVENTÁRIO PARA UMA MESA

árvore (pinho). A natureza disponível e a mesa humanizada, transformada em objecto-fetiche. Walter Benjamin, num breve texto que escreveu sobre Kafka, refere uma passagem de Georg Lukács em que terá dito algo como isto: “quem quiser construir hoje uma mesa decente tem de ter o génio arquitectónico de um Miguel Ângelo”.

7. Num conto breve intitulado “Uma mesa é uma mesa” (“Ein tisch ist ein tisch”, em *Kindergeschichten*, colectânea de contos editada em 1969), o escritor suíço Peter Bichsel descreve uma situação que funciona como reflexão acerca do vínculo estrutural e paradoxal entre linguagem e mundo. A história usa o mecanismo de substituição entre objecto (realidade) — palavra (nomeação), levando o protagonista a consequências imprevisíveis e dramáticas.

8. Mais recentemente, o filósofo Graham Harman, na perspectiva da OOO (*Object Oriented Ontology*), propõe uma sugestiva, embora algo problemática e estranhamente fantasmagórica, “terceira mesa”.

9. E o que dizer desta espécie de parábola do conhecimento científico que nos apresenta Sir Arthur Eddington, astrofísico britânico? (a quem Harman se reporta directamente no início do brevíssimo texto mencionado anteriormente). As conferências de Eddington, compiladas sob o título *The Nature of the Physical World* (1928), começam com uma fantasmática duplicidade do conceito de objecto (no sentido literal, entenda-se).

10. No âmbito da história da arte, e da história cultural das imagens, em contexto curatorial, Georges Didi-Huberman fala-nos também da polivalência de uma mesa, aqui designada como elemento construtivo do pensamento. A vitrina horizontal e a mesa destronaram, de certo modo, a parede enquanto superfície privilegiada do espaço expositivo no contexto da arte contemporânea.

11. Jean-Luc Nancy sobre *O Prazer no Desenho*, nos interstícios da mesa e da forma, que é uma procura (capricho?) pelo sentido verdadeiro do(s) seu(s) uso(s).

12. Finalmente (embora deixando a questão muito em aberto), uma breve referência a Gonçalo M. Tavares: a palavra **Mesa** insere-se, segundo o escritor, num grupo de palavras que se podem desenhar, não apenas palavras-conceito, mas também, e sobretudo, palavras-imagem; ou ainda melhor: palavras-imagem-conceito (remetendo a Ferdinand de Saussure, mas superando a desmedida carga semiológica e estruturalista que lhe ficou apensa).

Referências bibliográficas

12. TAVARES, Gonçalo M. (2019), Excerto transcrito do episódio 4 do programa *Atelier d'Arquitetura*, RTP (<https://www.rtp.pt/play/p5644/e403767/atelier-arquitetura>).
11. NANCY, Jean-Luc (2022), *O prazer no desenho*, Lisboa: Sistema Solar/Documenta, ed. e trad. Jorge Leandro Rosa, p. 14.
10. DIDI-HUBERMAN, Georges (2011), Excerto transcrito da entrevista sobre a exposição *Atlas ¿Cómo llevar el mundo a cuestras?*, Museu Nacional - Centro de Arte Rainha Sofia (<https://www.museoreinasofia.es/multimedia/atlas-entrevista-georges-didi-huberman>).
9. EDDINGTON, Arthur Stanley (2022 [1948]), *The nature of the physical world*, Cambridge: Cambridge University Press, p. vii).
8. HARMAN, Graham (2012), *The third table / Der dritte tisch*, 100 notes – 100 thoughts / 100 notizen – 100 gedanken, nº 085, Ostfildern: DOCUMENTA (13)/Hantje Cantz Verlag, p. 12.
7. Tradução informal por um grupo de alunas da unidade curricular de *Tradução de textos literários de língua alemã*, Instituto Politécnico do Porto. (<https://parc.ipp.pt/index.php/Polissema/article/download/3332/1316/4170>)
6. PESSOA, Fernando (2009), *Livro do Desassossego*, 8ª edição, Lisboa: Assírio & Alvim, p. 104. Paráfrase de Lukács em BENJAMIN, Walter (2016), *Ensaio sobre literatura*, Lisboa: Assírio & Alvim, trad. João Barrento, p. 254.
5. MARX, Karl (2013), *O Capital. Livro I - Crítica da economia política. O processo de produção do capital*, São Paulo: Boitempo, trad. Rubens Enderle, pp. 121-122. Confrontada com a tradução portuguesa: MARX, Karl (1973), *O Capital (versão integral)*, volume 1, Lisboa: Delfos, trad. António Dias Gomes, p. 41.
4. HEGEL, G.W.F. (2018?), *A ciência da lógica* (versão portuguesa: <https://www.marxists.org/portugues/hegel/1812/logica/30.htm> Confrontada com a tradução da Cambridge University Press, edição de 2010).
3. WITTGENSTEIN, Ludwig (2015), *Tratado lógico-filosófico. Investigações filosóficas*, Lisboa: Calouste Gulbenkian, p. 172.
2. FOUCAULT, Michel (2014), *As palavras e as coisas. Uma arqueologia das ciências humanas*, Lisboa: Edições 70, trad. António Ramos Rosa, p. 55.
1. LAUTRÉAMONT, Conde de [Isidore Ducasse] (2009), *Os Cantos de Maldoror. Poesia I & II*, Lisboa: Antígona, trad. Manuel de Freitas, p. 237.

Imagens

(conjunto a) René Magritte, *A mesa*, 1937 (?), tinta-da-china e guache sobre papel; *Manual de Higiene da Mocidade Portuguesa*, fascículo I, Lisboa, 1945, p. 69; Imagens de um conjunto de obras de diversos projectos expositivos do autor, e respectivo processo de trabalho, que aqui não é relevante serem identificadas.

(conjunto b) *Atlas Escolar Primário (Curso Elementar)*, Ernesto de Vasconcellos e Miranda Diniz, Rio de Janeiro, Francisco Alves & Cª, 1912, figura 3, s/p; René Magritte, *Homem sentado à mesa*, 1960, guache e desenho sobre papel; Imagens de um conjunto de obras do autor, relativas a diversos projectos expositivos.

(p. 44): fotografia de Catarina Gomes Pestana da exposição *Índice de matérias [sobre objectos e outras fantasmagorias]*, MUDAS (Museu de Arte Contemporânea da Madeira), 2022-2023.